

# **Entrevista com Elisa Pankararu: movimento de mulheres indígenas e feminismo indígena**

**Jade Alcântara Lôbo**

PPGAS/UFSC

## **Entrevista com Elisa Pankararu: movimento de mulheres indígenas e feminismo indígena**

### **Resumo**

O presente texto é a transcrição da entrevista realizada pela antropóloga Jade Alcântara Lôbo com Elisa Urbano Ramos Pankararu, , ativista indígena da etnia Pankararu e antropóloga que possui mais de uma década de participação de movimentos do campesinato, indígena e das mulheres. Neste diálogo entre duas mulheres engajadas na luta dos povos e contra a desigualdade de gênero abordamos sobre a trajetória de Elisa Pankararu e sua defesa da existência de um feminismo indígena. Esta entrevista foi realizada de forma virtual no segundo semestre de 2021, respeitando os protocolos necessários mediante a pandemia Covid-19.

**Palavras-chave:** Feminismo Indígena; Elisa Urbano Ramos Pankararu; Feminismo Comunitário.

## **Entrevista a Elisa Pankararu: el movimiento de mujeres indígenas y el feminismo indígena**

### **Resumen**

*El presente texto es la transcripción de la entrevista realizada por la antropóloga Jade Alcântara Lôbo a Elisa Urbano Pankararu, activista indígena de la etnia Pankararu y antropóloga que participa en movimientos campesinos, indígenas y de mujeres desde hace más de una década. En este diálogo entre dos mujeres comprometidas en la lucha de los pueblos y contra la desigualdad de género, discutimos la trayectoria de Elisa Pankararu y su defensa de la existencia de un feminismo indígena. Esta entrevista se realizó de manera virtual en el segundo semestre de 2021, respetando los protocolos necesarios debido a la pandemia del Covid-19.*

**Palabras clave:** Feminismo Indígena; Elisa Urbano Ramos Pankararu; Feminismo Comunitario.

## **Interview with Elisa Pankararu: The Indigenous Women's Movement And Indigenous Feminism**

### **Abstract**

*The present text is the transcript of the interview carried out by anthropologist Jade Alcântara Lôbo with Elisa Urbano Pankararu, an indigenous activist from the Pankararu ethnic group and anthropologist who has participated in movements of peasants, indigenous and women for more than a decade. In this dialogue between two women engaged in the struggle of peoples and against gender inequality, we discuss the trajectory of Elisa Pankararu and her defense of the existence of an indigenous feminism. This interview was conducted virtually in the second half of 2021, respecting the necessary protocols due to the Covid-19 pandemic.*

**Keywords:** Indigenous Feminism. Elisa Urbano Ramos Pankararu. Popular Peasant Feminism.

Elisa Urbano Ramos Pankararu é ativista indígena da etnia Pankararu com mais de uma década de participação dentro de movimentos do campesinato, indígena e das mulheres. Elisa também é mestre em Antropologia pelo PPGA-UFPE e Coordenadora do Departamento de Mulheres Indígenas da APOINME - Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste. Sua dissertação “Mulheres Lideranças Indígenas em Pernambuco – Espaço de poder onde acontece a equidade de gênero” discute teoricamente a existência de um feminismo indígena e a luta de mulheres indígenas de Pernambuco. Esta entrevista ocorreu de forma virtual devido a pandemia do covid-19, no segundo semestre de 2021.

Foto: Elisa Urbano Ramos Pankararu (cedida pela entrevistada).





## Elisa Pankararu

**Elisa, te conheci através da professora Marina Guimarães, coordenadora do Grupo Confluências Afroindígenas da UFBA, em uma pequena reunião do grupo. Me sinto honrada de estar aprendendo contigo novamente. Apreendi bastante sobre feminismo indígena lendo sua dissertação e debatendo naquela reunião que mais tarde levou à nossa live do I Ciclo de Cursos Encruzilhada de Saberes Afroindígenas. O que te levou a estudar feminismo indígena?**

O meu interesse em pensar feminismo indígena vem a partir do meu conhecimento da nomenclatura, do significado e das lutas tal qual ele iniciou na Europa. E aí eu digo na Europa de acordo com o registro, como que é escrito. Porque a Julieta Paredes vai dizer de feminismo que já no século 13 as nossas mulheres da ameríndia já tinham esse protagonismo embora essa palavra não fosse utilizada. Eu sou professora de formação de profissão, no entanto é a partir do movimento indígena que eu passo a participar de grupos que discutimos sobre mulheres. Em princípio sobre mulheres indígenas, mas principalmente violência com as mulheres, violência de gênero, contexto de desigualdade que sempre houve e havia naquele momento em que eu comecei a participar dessas reuniões. Aqui em Pernambuco a partir da APOINME - Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste do departamento de mulheres indígenas começaram a acontecer alguns encontros com mulheres indígenas de todos os povos daqui de Pernambuco e havia um convite a partir de COPIPE - Comissão de Professores/as Indígenas de Pernambuco. A COPIPE é uma organização muito atuante, ela foi formada a partir de janeiro de 2000 e naquele momento ela era majoritariamente composta por mulheres. Por ser uma organização que combatia muito o sistema governamental pelo direito da educação escolar indígena específica e diferenciada bem no início da Resolução 3/99 do Conselho Nacional de Educação<sup>1</sup> - Câmara de Educação Básica a luta naquele momento era pela estadualização das escolas indígenas em Pernambuco, mas também pela implementação de diretrizes de uma escola indígena. Então aquelas mulheres eram questionadas pela sua saída das aldeias para a capital, mas principalmente por ser um grupo combatente que passavam a ter aquele destaque nos seus territórios não apenas pelas lutas, mas pelas conquistas. Algumas organizações, ONGs, passaram a realizar encontros de mulheres indígenas em Pernambuco. No princípio eu recebia os convites, mas não tinha empolgação porque naquele momento eu acreditava que discutir violência contra mulher era algo que não me pertencia porque eu entendia violência apenas como violência física. No entanto, eu fui me incorporando ao grupo e passei a fazer parte de uma organização aqui de Pernambuco que se chama Comissão Permanente de Mulheres Rurais onde tem várias organizações sociais do campo como a CPT, MST, Rede de Mulheres Quilombolas, Rede de Mulheres Indígenas a qual eu fui convidada e tivemos vários encontros para escrever um Plano Estadual de Políticas Públicas para Mulheres Rurais. Eu digo mulheres rurais porque foi a nomenclatura que foi utilizada embora houvesse a proposição que fosse utilizada a palavra campo, mas não passou.

Nesses grupos, organizações e coletivos de mulheres havia sempre falas sobre gênero, feminismo, machismo, primeira onda, segunda onda, sobre a participação de algumas feministas estudiosas pesquisadoras do assunto naquele momento. Embora eu já fizesse uma defesa sobre os direitos das mulheres, eu não tinha um entendimento acadêmico. Eu sentia a necessidade de estudar o assunto, de conhecer o significado dessas nomenclaturas em que o feminismo e os direitos das mulheres são discutidos. Então eu fui fazer um curso, uma especialização lato sensu sobre políticas para mulheres onde eu encontrei uma série de disciplinas que trouxeram essas discussões tal qual eu tinha interesse de estudar através de textos, filmes e exposições. Esse

---

<sup>1</sup> Resolução ceb nº 3, de 10 de novembro de 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0399.pdf>>. Acesso em 3 mar. 2022.



curso foi ofertado pela Secretaria de Direito da Mulher e pelo PPGA da UFPE. Mas havia algo que me intrigava, algo que me chamava atenção, que era a afirmação que não havia feministas indígenas. Não havia feminista indígena! E isto me chamava atenção. Por quê? Como? Uma vez em um Conferência Estadual de Direito da Mulher, umas três conferências atrás, eu fui convidada para fazer uma fala em uma mesa eu fui apresentada como mulher indígena feminista. Todas as mulheres eram apresentadas como feministas, a sua organização e feminista. E eu fiquei com aquela ideia na cabeça. Eu fiquei com aquela ideia na cabeça: “como eu sou feminista? Não existe mulher indígena feminista”. E ao mesmo tempo havia outra afirmação na minha cabeça: “mas eu sou feminista!” Ou seja, uma certa crise de identidade. A identidade de que eu me afirmava feminista e ao mesmo tempo que não havia feminismo entre as mulheres indígenas. Eu penso que esse é o princípio do meu interesse em pensar feminismo indígena. Por que sim? E por que não? A partir da minha identidade, do meu lugar de fala, da minha participação.. Então foi passando até a época em que eu cheguei no mestrado, mais de uma década que eu já havia feito várias leituras, ouvido muito sobre feminismo e já havia escrito um TCC sobre lideranças mulheres em Pernambuco que já havia sido publicado. Mas nesse texto eu não falava ainda de feminismo ainda, mas na minha cabeça já estava essa ideia de falar do feminismo do ponto de vista acadêmico. E na Universidade o único departamento aqui em Pernambuco, diferente da Bahia, o único departamento que vai falar sobre questões de gênero é na Antropologia. Então foi para lá que eu fui. E aí eu não vou apenas ouvir dizer que não existe mulher feminista, mas ler em algumas revistas. Na minha dissertação eu vou falar de uma leitura que me deixou bastante intrigada que foi o 6º ENEI - Encontro Nacional de Estudantes Indígenas - onde o edital de chamada de trabalho vai ser categórico no texto: “Não aceitamos trabalhos que falem sobre feminismo”. Isso me deixou mais intrigada ainda. Eu já estava em um patamar avançado de leituras, de afirmação de identidade e de convivência com outras feministas.

**Interessante esta sua trajetória, como mulher negra percorri um caminho muito parecido. Primeiramente me questionava se poderia me posicionar enquanto feminista visto que observa a violência racial essencialmente imbricada nas demais. Depois fui observando as pautas distintas, principalmente no que se refere ao feminismo branco. Mais tarde percebi que esse debate interno era também o de várias outras mulheres e que existem plurais feminismos, como o feminismo interseccional negro e até mesmo movimentos que buscam equidade de gênero mas preferem se diferenciar do movimento hegemônico, como mulherismo africana. Em meio a este debate interno, que também é coletivo, como você começou a pensar teoricamente o feminismo indígena?**

Pois é! Eu já estava pensando em teorizar, mas tinha dificuldades em encontrar referências. É claro que eu utilizo muitos textos que trazem questões indígenas. Considerando que as mulheres indígenas exercem seus protagonistas em todos os espaços coletivos.

**Como foi a construção de sua tese? Você utiliza bastante o feminismo comunitário no seu trabalho como fundamento teórico. Por que essa escolha?**

Então, em conversa com o Professor da UFBA Recôncavo Baiano Felipe Milanez, ele me falou sobre feminismo comunitário. E me passou várias publicações em espanhol, publicadas em vários países da Mesoamérica. A obra “Hilando fino desde el feminismo comunitario” de Julieta Paredes é a repercussão em torno da discussão. Foi nessa leitura que eu encontrei a base para teorizar o meu texto. Principalmente pelos elementos indígenas que encontrei. Os textos sobre feminismo comunitário serviram como embasamento teórico, no entanto, minha grande inspiração foi a observação de mulheres com as quais eu fui convivendo durante as minhas vivências





## Elisa Pankararu

desde criança até os dias atuais. Aí eu vou falar no mundo dos sonhos. O mundo dos sonhos são inspirações que eu tenho para compor algumas frases a partir de lembranças repentinas de palavras que surgem na minha mente nesse mundo cosmológico que é a presença das mulheres indígenas em todo o nosso território em todas nossas atividades. Eu escrevo pouco sobre o território, mas ele tem um significado amplo de presenças amplas e atividades múltiplas desde as práticas do cotidiano até o mundo da espiritualidade. Então são espaços políticos que discutem políticas públicas e de intervenção. Esses espaços são muitos, são vários, são diversos. Também escrevo sobre essa presença, essa força com que as mulheres indígenas participam, em princípio as mulheres Pankararu que é meu lugar de fala, mas também mulheres de outros povos de Pernambuco que são quem eu vou falar em especial. Claro que eu vou encontrar questionamentos como em relação a outros feminismos bem como você coloca quando fazem essa referência ao feminismo ocidental, chamado também de feminismo branco. No meu caso sobre o feminismo indígena é uma composição a partir de observações a partir de vivências. Não dá para ficar se apegando a ideias de contrariedade. A palavra feminismo é uma nomenclatura, mas também uma forma de pensar o mundo. É um mundo de harmonia, um mundo sem desigualdade. Então não é apenas a questão das mulheres, mas é também pensar um mundo de justiça para homens e mulheres e todos os seres. Então, para além da nomenclatura e sua origem de enquanto publicização, vamos pensar na diversidade de culturas. Vamos pensar o campesinato, o feminismo negro, o ecofeminismo.. Outras formas de pensar nessas organizações vão sendo escritas, mas o principal significado do feminismo é a não violência, é a igualdade de direitos, é a justiça social. No Brasil até então não havia muita referência escrita sobre feminismo indígena além da negação disso em revistas não científicas. Outras pesquisadoras usavam a palavra feminino, mas eu penso que havia um certo receio em escrever e pronunciar feminismo. Teria que ser uma mulher indígena que fizesse toda essa contextualização inclusive na questão do enfrentamento. Porque eu vou ouvir o enfrentamento de ideias quando você vai falar de feminismo negro. E aí vamos pensar feminismo plurais, mas quando falei pela primeira vez de feminismo indígena eu fiz referência a esse feminismo indígena também como feminismos outros que está atrelado a ele a ideia da descolonização.

### **Como as suas companheiras de luta e território também indígenas receberam a sua tese sobre feminismo indígena. Houve divergências?**

Penso que trazer a essência indígena fez com que as mulheres se encontrassem no meu texto. Porque ouvi a palavra: você me representa. Então me senti coletivo, uma vez que me inspirei nessas mulheres.

### **Elisa de acordo com seus estudos quais são os maiores desafios e violências que as mulheres indígenas vivenciam hoje?**

No decorrer desses 521 anos de invasão o desafio de existência se junta ao desafio de resistir. E nessa atual conjuntura, a violência contra as mulheres indígenas podem ser citadas sob várias vertentes, vários patamares. Em primeiro lugar a violação dos nossos territórios, que implica uma violência contra a nossa espiritualidade, a mãe natureza e toda sua constituição.

**Elisa, Muito Obrigada por me conceder essa entrevista. Eu fico muito feliz de ouvir você. Que possamos cada vez mais nos fortalecer em comunidade na luta contra as injustiças sociais.**



